

# SERMÃO DO CORPO DE DEUS

BARTOLOMEU DE GUSMÃO

SENHORA,

Não me anima a oferecer a um gênio tão superior, e tão versado em toda a sorte de ciências, como o de Vossa Magestade, este Sermão, se Vossa Magestade, mesma por um excesso incrível de bondade me não tivera feito o inestimável favor de insinuar-me que queria ver alguma obra minha. O alto acolhimento, que Vossa Magestade tem dos Mistérios mais reconditos da nossa Religião, a piedade herdada da Sua Augustíssima Casa, e sobretudo a natural benignidade de Vossa Magestade me fazem esperar, que se Vossa Magestade por uma parte achar que não tratei uma matéria tão sublime com a magestade que convinha, por outra se dignará de fazer reflexão, que para falar nela dignamente nem Anjos bastam. Deus guarde a Real Pessoa de Vossa Magestade. Lisboa Ocidental 5. de novembro de 1721.

Bartolomeu Lourenço de Gusmão.

LICENÇAS DO SANTO OFÍCIO  
CENSURA DO MUITO

Reverendo Padre Mestre Frey Manoel Guilherme, da Ordem dos Pregadores, Presentado na Sagrada Sagrado Teologia, Consultor do Santo Ofício, e Examinador das três ordens Militares.

Eminentíssimo Senhor.

Vi o Sermão, que intenta imprimir o Doutor Bartolomeu Lourenço de Gusmão. Nele não achei cousa contra a Fé, ou bons costumes que dificulte a licença pedida; antes sou de parecer que neste papel mais que nos outros do mesmo Autor já impressos, desempenhou ele, e satisfaz a nossa expectação da sua rara, e quase incrível habilidade porque neste subio mais que em todos, e com tão firmes elevações; que entendendo se lhe devem mais aplausos, que sustos, mais admirações que dúvidas. Vossa Eminência mandará o que fór servido. S. Domingos de Lisboa Ocidental 10. de novembro de 1721.

Fr. Manoel Guilherme.

*Et ego in illo.* João 6.

Muito nos diz Cristo nestas duas palavras; muito nos manda crer. Deus caber dentro do homem! Todo o largo discurso do Sacramento que Cristo fez nesta ocasião, pareceu duro, e incrível a maior parte dos que o ouviram: *Durus est sermo, et quis potest eum audire?* (João 6. v. 61). Mas de todas as proposições, que ele contém, nenhuma podia parecer mais dura, nem mais incrível, que esta. Que o homem fique em Deus no Sacramento: *In me manet*, ainda que o modo seja admirável, a proposição não nos parece estranha. Em Deus vivemos, em Deus estamos como concebidos, dentro d'ele nos movemos, e isso que somos, dentro d'ele o somos: *In ipso vivimus, et movemur, et sumus.* (Aet. 17. 28.) Mas que haja Deus de ficar dentro do homem! Não parece esta. Senhor, a fé que nos ensinastes. Não é de fé que sois imenso, e o homem uma tão pequena parte das vossas criaturas? Pois como agora nos mandais crer que podeis vos estar dentro d'ele, *et ego in illo?* Em outro tempo vos pediram os Apóstolos que lhes acrescentásseis a fé: *Adauge nobis fidem;* (Luc. 17. 5) eu estava para vos pedir hoje que nola diminuísseis; pois quanto mais cremos quem sois, mais dificultoso se nos faz de crer o que nos dizeis. A mesma festa que celebramos hoje, parece que está contradizendo o Evangelho. Que outra coisa nos diz o magnifico aparato deste templo, a multidão de luzes a riqueza dos ornamentos, esta Irmandade tão numerosa este Juiz, estes Mordomos, que com tão larga mão concorrem para esta solenidade? Esta pompa, com que levamos o Corpo de Deus Sacramentado a triunfar pelas ruas públicas, que outra coisa nos diz, e nos préga mudamente senão que aquêle que assim imos servindo, é o nosso Deus, que dele só esperamos todo o bem, que ele só é o grande, o imenso, o incompreensível? Pois este Deus, que até os nossos mesmos olhos nos dizem hoje do possível que é incom-

## SERMAM PREGADO NA FESTA DO CORPO DE DEOS NA FREGUEZIA DE S.

Nicolao desta cidade

POR

### BARTHOLOMEU LOURENÇO DE GUSMAM,

*Fidalgo Cappellaõ da Casa de Sua Magestade,  
e das Academias Real, e Portugueza,*

DEDICADO

## À SACRA REAL MAGESTADE DA RAINHA NOSSA SENHORA;

Lisboa Ocidental.

Na Officina da Musica, Anno de 1721.

Página de titulo do "Sermão do Corpo de Deus", de Bartolomeu de Gusmão (1721)

preensível, e imenso, há de estar dentro do homem, *et ego in illo?*

Abraão, foi o pai dos que crem; mas eu entendo que quando é no crer, os filhos somos hoje maiores que o pai. O maior ponto da fé de Abraão foi sacrificar a Izaac por obedecer a Deus; mas se Deus em lugar de mandar a Abraão que sacrificasse a Izaac lhe mandasse que o sacrificasse a ele que pasmo não seria o deste grande Patriarca? E se depois de sacrificado lhe mandasse que o comesse, e o metesse dentro em si? Deus sacrificado, Deus comido por Abraão! Não chegou Deus a fazer tão grande prova de fé do pai dos fiéis. Muito era crer que o mesmo filho que sacrificava, havia de ser que propagasse a sua descendência; mas ainda a mão do pai não tinha descarregado o golpe, e quando o tivesse, sabia muito bem Abraão, que quem lhe mandava dar a morte a Izaac, lhe podia restituir a vida, *Arbitrans, qua et a mortuis suscitare potens est Deus.* (Heb. 11. 19) Mas nós que sabemos que Deus podendo tudo, não se pode fazer mais pequeno, a que recorremos, se a mesma onipotência, se a mesma imensidade, se a mesma palavra de Deus é a maior dificuldade para a nossa Fé? Preze-se muito embora Abraão de que creio na esperança contra a esperança; *Contra spem in spem credidit.* (Rom. I. 18) Quem sem a luz da Fé combinar humas Escrituras com as outras, a Fé dos Patriarcas e dos Profetas com a Fé do Evangelho, não dirá se não que cremos na Fé contra a Fé; na Fé de um Deus Sacramentado contra a Fé de um Deus grande. Mas cremos, e quanto mais dificuldades acharmos, tanto cremos mais; que este Sacramento, que tanto parece que se encontra com a grandesa de Deus, é a maior prova da mesma grandesa. Isto é o que pretendo mostrarvos hoje; que tão longe está de ser indecente à Divindade o estar Cristo real, e verdadeiramente debaixo daqueles accidentes, que antes Deus não podia darnos melhor a conhecer a sua grandesa. Na primeira parte deste discurso argumentarei com a grandesa de Deus nas

Leis natural, e escrita contra Deus Sacramentado, e morando dentro do homem na Lei da graça. Na segunda mostrarei que o maior ponto da grandesa de Deus foi sacramentar-se, e ficar em nós.

AVE MARIA.

*Et ego in illo.*

O Primeiro argumento, que a grandesa de Deus, na Lei natural pode ter contra aquêle mistério, são os mesmos Céus e a mesma Terra que que estamos vendo. Criado este vasto corpo da terra no meio do Universo, cercou Deus este globo terraqueo de ar, cercou este ar de tantos planetas, os planetas de um número quasi infinito de estrelas, estendendo entre estrêla, e estrêla espaços tão dilatados, e tanto assim de todas as nossas medidas, que se perde neles o tino, e vacilla o juizo só para que pudesse o homem por esta imensidade das criaturas, que quanto mais se vê, menos se compreende, rastejar a imensidade do Criador. A! Senhor, se este mesmo Mundo, se estes mesmos Céus se achassem no vosso conselho, quando resolvistes sacramentar-vos, com quanta aparência de razão vos poderiam dizer: Lembrai-vos, Senhor, do que sois, e do que somos; se nós se toda a nossa grandesa comparada com vosco é nada, e se perde no infinito abismo da vossa imensidade, como podeis vos estreitar-vos a ficar dentro do homem? do homem, cuja limitada capacidade nos não pode compreender a nós? do homem que comparado com nosco também é nada?

Até aqui eramos nós os Pregadores da vossa glória *Celi enarrant gloriam Dei,* (Psalm. 18.2) daqui por diante Senhor, podeis buscar Pregadores, que nós nem nos atrevemos a dizer o que vemos, nem ainda que o digamos, achamos, nem ainda que o digamos, acharemos já ouvintes que nos criam. Olhará para nós, o Gentio, e vendo-nos tão grandes, como poderá crer que sois maior que nós, se nós mesmo lhe dizeis que podeis ca-

ber dentro dele? Levantar-nos-á altares, e oferecer-nos-á Sacrificios; adorará, o Sol; e a Lua, que vê girar sobre a sua cabeça, e esquecer-se-á de vós pois que vós pode ter dentro em si. Que importa que a perfeição, com que nos criastes, que es a ordem, que guardamos há tantos séculos, esteja convencendo ao Ateista da sua rematada loucura, se lhe parece que a tudo satisfaz com responder, que aquêle Deus, que lhe pregamos que há, o pode ele meter no mesmo coração, com que diz que o não há; *Dixit insipiens in corde suo; Non est Deus?* (Psalm. 13.1).

Ainda o modo, com que quereis executar este pensamento, nos parece mais estranho. De maneira que não haveis de ficar dentro do homem; quando vós quizerdes, senão quando ele quiser? Já que fazeis o beneficio, não reserváveis para Vós escolher o tempo e as pessoas? Há de estar no poder do homem o fazer que vos reproduzais onde, quando, e quantas vezes a ele lhe parece? Onde está a glória daquele *Fiat*, se uma palavra do homem val tanto? Tremerá, abalar-se-á, e sairá dos seus eixos está máquina do Universo, se ouvir dizer que vós. Criador, de tudo vós fizestes de alguma maneira criatura do homem.

O mesmo Adão, se algum de seus descendentes lhe pregasse que Deus havia de vir morar dentro de nós, que argumentos não acharia no mesmo Paraizo contra este mistério? Demaneira que a mim por um pecado se me proibe para sempre a Arvore da vida, e se me fecham as portas do Paraizo, e um Querubim com aspecto terrível, e uma espada de fogo me ameaça, para que me não aleva a entrar; choro, arrependo-me confesso a minha culpa, nada basta para verme destituído; Deus irado os Céus endurecidos, a terra produzindo-me espinhos; e os meus descendentes com mais culpa que eu, gozando bem justo do Paraizo que eu perdi, e comendo da Arvore da vida, sem dúvida nem impedimento algum!

Mas que digo eu Arvore da Vida? O Criador da Arvore, e o Senhor da vida, uma vida infinitamente mais delectavel, Embainha, Querubim, a espada,

que estas portas que hoje me fechais a mim tempo virá que as franqueias a todos; se me excluis a mim, que menos desmerecerão eles? Se os haveis de admitir a eles, por que me excluis a mim? Se a mim me castigam, por querer assemelhar-me a Deus, como não faz já reparo o mesmo Deus em morar dentro de vós; *Et ego in illo?*

Se da Lei natural passarmos à escrita que maior argumento contra aquêle mistério, que o mesmo monte Sinai, onde foi promulgada? Entre-mos a examina-lo se é que nos deixa ver o que nele se passa a neve espessa, e o fumo, em que todo está envolto. A terra a tremer, as pedras a quebrar-se os raios a cruzar o monte, os relampagos a assombrar o dia, os ouvidos atoados com o pavoroso estrondo dos trovões e terrível eco das trombetas, que cada vez se vão chegando e crescendo mais. Lá ao longe à roda do monte se divisa um povo inumerável, todos mudos, temerosos, e atônitos, sem se atrever nem levantar os olhos para tanta Magestade; ouvindo-se só entre tanto silêncio aquêle rigoroso pregão; Ninguém ouse chegar ao monte sob pena da vida;

*Omnis, qui tetigerit montem; morte morietur.* (Exod. 19.12). Um pouco mais chegando, e já nas raizes do monte por grande distincão, se vem os setenta anciãos, Juizes do povo, com Arão, irmão de Moisés, mais pasmados que os outros, porque via de mais perto a causa do assombro; e até o mesmo Moisés unico escolhido de Deus para depositário dos seus mistérios, lá está posto no meio do monte, rodeado de uma nuvem escura, sem que Deus se digne falar-lhe senão depois de sete dias, chamando-o para isso ao cume do monte, como se julgara Deus, que não era decente à sua grandesa que um concerto, que ele fazia com os homens, se efetuasse senão nos últimos confins do Céu, e da Terra.

Pois ver ao cabo de muitos tempos de trato com Deus Moisés no mais empinado, e retirado do monte escondido no oco de um penhasco com os olhos tapados, suspenso, e sem ousar mover-se! Que fazeis aqui Moisés? Aqui me poz o Deus por grande favor, pa-

## AUTORES E LIVROS

Propriedade de MUCIO CARNEIRO LEÃO

ASSINATURAS

Assinatura anual com registro ..... Cr\$ 45,00

FASCICULOS AVULSOS:

Dos Volumes da 1.ª fase (I a VIII) ..... Cr\$ 50,00

Dos volumes IX e X ..... Cr\$ 5,00

Do volume XI ..... Cr\$ 4,00

Brochura dos volumes IX e X ..... Cr\$ 100,00

NÚMEROS ATRAZADOS

Avenida Almirante Barroso n.º 72, 13.º andar Telefone 22-9981  
Bahal 9. Tratar com Sérgio Pinheiro.

Endereço:

Rua Fernando Mendes, 7 — 12.º and. — 37-9527

RIO DE JANEIRO — BRASIL

IMPRESSO NAS OFICINAS DA IMPRENSA NACIONAL

**"SÃO PAULO"**  
COMPANHIA NACIONAL  
DE SEGUROS DE VIDA

Sucursal no Rio de Janeiro — AV. RIO BRANCO, 173, 10.º

DIRETORES

Dr. José Maria Whitaker

Dr. Erasmo Teixeira de Assunção

Dr. J. C. de Macedo Soares

# SERMÃO DO CORPO DE DEUS

deixar-me ver uma pequena semelhança da sua Divindade. A, Senhor, que dá a tudo isto a nossa fé? Se sois o mesmo Deus, onde estão os relâmpagos, os trovões, e os raios?

Onde o som das trombetas, o fogo, a magestade?

De tão grande aparato não vos ficou mais que essa nuvem branca, com que vos cobris, e até essa sem aquele antigo horror, que vos fazia terrível. Segures olhos hoje para vós, e sem susto: nem é só Moisés o que chega a ver-vos; é todo este povo, e todos os povos da terra. Nem é necessário subir a montes, a dois passos vos achamos. Ao longe de fugir de nós, que até nos vindes buscar a casa, e

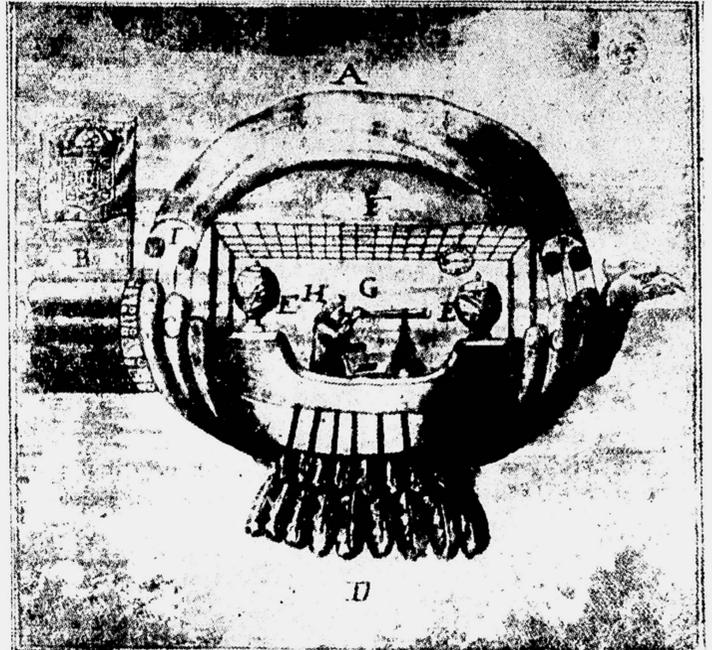
em vez de ouvirmos aquele severo pregão: *Omnis, qui tetigerit montem, morte morietur*, o que hoje ouvimos, é, todo aquele, que não só tocar, mas comer, e beber o meu Corpo, e sangue, não só não morrerá, mas de mortal se tornará imortal: *Qui manducat hunc panem, vivet in aeternum*. (João 6.59). Nem vos contentais com mostrar-nos um debil reflexo da vossa glória, como a Moisés; fartai-nos da vossa Divindade, entrai-nos dentro no peito, e no coração, *Et ego in illo*. Sois, vós Senhor, aquele mesmo Deus? A Fé o diz, mas também parece que o contradiz a Fé.

Esta facilidade com que Deus agora está dentro do homem, se me faz mais

*septuaginta viros, et quinquaginta milia plebis*. (Reg. 6.19) A quem não vão moverá a lastima a desgraça destes miseráveis, que vendo um estrago tão grande por um que não parecia culpa, exclamavam a altas vozes: *“Quis poterit stare in conspectu Domini Dei Sanctis hujus?”* Para isto Senhor, vieste morar entre os Batsanitas, para os matardes? Porque olharam para a Arca? Se por isso se merece a morte, como estamos nós vivos? Nós, que não só olhamos mas comemos, e vos recebemos dentro em nós, *“et ego in illo?”*

Que fez o pobre Oza, que por querer sustentar a Arca que caía, jáz agora estendido no meio desse campo às fêras, e às aves, sem lhe valerem as vestiduras sacerdotais, e ser ungido do Senhor? Desgraçado Sacerdote, que culpa tiveste de nascer tão cedo? Vistes vós, ao mundo, quando eu vim, e não só tocáveis, mas comereis, e vivereis. Não é esta Arca, que toco com as mãos, infinitamente mais digna? E toco-a e convidam-me, e vivo? E não só a toco, mas a meto dentro em mim mesmo? Ou fostes inocente, ou culpado; quanto sou eu mais indigno que vós? Vós zeloso, eu froxo; vós arriscando a vida por defender a Arca, eu gastando a minha em a profanar. Não vos sofrerão a vós, e sofre-me a mim? O força de bondade vossa, meu Deus! Que eu Ministro do vosso Altar, haja de ser um dos maiores exemplos da vossa paciência, e um dos mais fortes argumentos contra aquele sacrosanto Mistério!

Mas tempo e já, que se veja na segunda parte deste discurso a fé de Deus grande, confirmada com a fé de Deus sacramentado. A coisa, que se nos represente mais dificultosa, que de Deus sacramentado. Há coisa, que parece aniquilação do Sacramento? Pois esta mesma, é a maior prova da grandesa de Deus. Este é, se me não engano, o sentido de um dos mais escuros lugares do Testamento novo. Diz São Paulo que a razão de se ter abatido tanto o Verbo, fora por conhecer que era igual ao Padre, e que sem o pedir, nem o roubar, por natureza tinha o ser Deus: *“Qui cum in forma Dei esset non rapinam arbitratus est esse se aequalem Deo, sed semetipsum exinanivit”*. (Philip 2.6) De maneira que por isso se abateu tanto o Verbo? Eu cuidava que antes havia de ser muito ao contrário. Quando queremos infundir a algum pensamentos grandes, lembramos-lhe quem é, e as obrigações, com que nasceu. Sei eu que quando a esposa queria ir guardar os rebanhos lhe dizia o espôso, *“Si ignoras te... egredere, et abi post vestigia gregum”*. (Cant. 6. 7.) Se queres ser pastora, desconhecei-vos, e ignora quem sois, e então eu eu vos dou licença que empunhaes o cajado, e partais para o monte. Assim dissera eu também. Se ignoras quem sois, meu Deus, saí muito embora do



“A Passarola”, de Bartolomeu de Gusmão

seio do Padre, e vinde estar dentro do homem: *“Signoras te, egredere”*, mas saber que sois Deus, e sair? Sabelo, e abater-vos tanto, *“Non rapinam arbitratus est esse se aequalem Deo, sed semetipsum exinanivit”*!

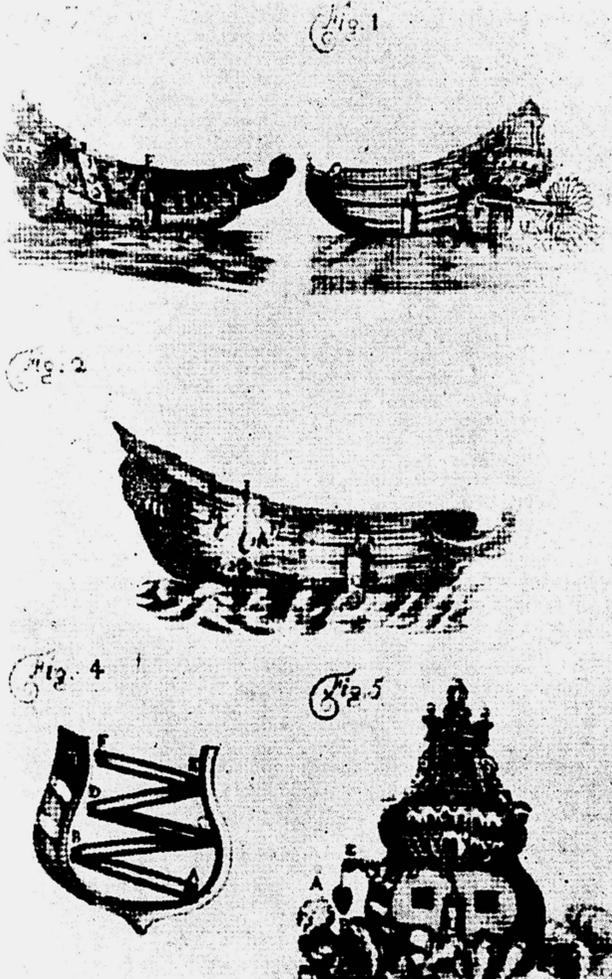
O que profundo pensamento, e digno do terceiro Céu! No homem, que sabe quem pequeno é o conhecer-te é razão para querer ser mais; em Deus, que não pode ser maior, o conhecer-se só pode ser razão para querer ser menos. O homem porque era homem, quiz ser Deus. O Verbo pelo contrário encolheu-se, sumiu-se, esgotou-se, e reduziu-se como ao nada porque isso era ser Deus: *“Non rapinam arbitratus est esse se aequalem Deo sed semetipsum exinanivit, ut manducaret Panem Angelorum homo”* Cristo na Encarnação fez-se homem; no Sacramento fez-se de alguma maneira menos que homem, pois pôde estar dentro em nós. Cristo encarnado ocupava um lugar certo e determinado: Cristo Sacramentado não à lugar tão pequeno, em que não possa caber *“Semetipsum exinanivit”*. Pois se Deus porque é Deus, porque é grande, por isso se sacramentou, logo

o sacramento é o maior argumento da da grandesa de Deus. Este furto, que Deus se fez a si da sua Magestade, é o indício mais veemente da mesma Magestade. Não há apetite mais próprio de quem é verdadeiramente grande, que esconder a grandesa.

Os mesmos gentios acharam que era inseparável da Divindade este desejo de esconder-se, e disfarçar-se. O seu Jupiter se ontem fizera tremer o Mundo com raios, hoje ia descansar da magestade em várias figuras bem diferentes do Senhor do Universo. Jazia o Céu sem governo, adormecidos os raios, a terra segura, e os ímpios sem susto. Os mais Deuses já um, já outro a cada passo se enfadavam de ser Deuses e iam ser menos que homens.

Até em Deus parece que seria pesada a grandesa, senão pudesse achar algum modo de fazer-se menor. A Encarnação foi, digamo-lo assim, o remédio da grandesa de Deus, e um remédio muito mais ativo, e eficaz que o da Encarnação. Na Encarnação escondeu a Divindade debaixo do véu da natureza humana; no Sacramento escondeu não só a Divindade, mas a mesma natureza humana debaixo daqueles accidentes.

E na verdade, que se se pudesse considerar alguma imperfeição em Deus, fora só o não poder ser menor. Ser sempre grande, sempre incompreensível, sempre imenso, faltar-lhe o gosto de descer-se alguma vez de tanta grandesa. O maior gosto da Magestade é depor a Magestade. Aqueles momen-



Uma das gravuras que ilustram a obra — “Vários modos de esgotar, sem gente, as naus que fazem água”, de Bartolomeu de Gusmão

de admirar a vista daquela dificuldade, que em outro tempo tinha de morar com os homens. Tres mil anos havia que fora criado o mundo, sem que Deus se resolvesse a querer um Templo, e quando em fim consente em que Salomão lhe edifique um, é com condição que não haja outro em todo o Israel. Um Deus grande, e Santo em um templo também grande, e santo, *“Dominus in Templo Sancto suo”*. (Psalm. 10.5). Mas não bastou a este Templo toda a sua santidade, para que Deus não mostrasse nova repugnância em que se edificasse outra vez, quando o queimaram e destruíram os Caniteus: (Isai. 66.1) *“Coelum sedes mea, dizia, terra autem scabellum pedum meorum, quae est ista domus, quam edificabitis mihi? O Céu é pequeno trono para mim, a terra apenas me digno por-lhe os pés e cuidais vós ainda em edificar-me um Templo, onde more?”*

Grças a vossa bondade, Senhor, que tantos Templos nos consentis hoje ter, que já nos não é necessário vir do fim do mundo buscar-vos a vossa Casa. Cada povo, cada aldeia tem Templos vossos, e se em muitos vos falta a pompa, e magestade, com que nos, em que estamos sois servido, por tudo parecia, e nem por isso deixais de estar do mesmo modo no Templo pequeno, e pobre, que no decorado e magnífico. Mas se o número destes Templos é grande, quanto maior é o dos Templos racionais?

Cada um de nós é um Templo, onde Deus assiste de um modo mais maravilhoso, que no de Salomão. Com nosco levamos um Templo de Deus, para onde quer que imos. Grande mudança em

Deus, que por essência tem o não poder mudar-se! Tanta dificuldade pouco há em aceitar um só Templo, e tão pouco reparo agora em erigir tantos mil?

Aquele, a quem tudo parecia pouco para morar, assim mora hoje em qualquer de nós, *“et ego in illo?”*

Pois o zelo, que então tinha Deus do seu culto, que até parece que se esquecia da sua piedade, por acudir pelo seu respeito?

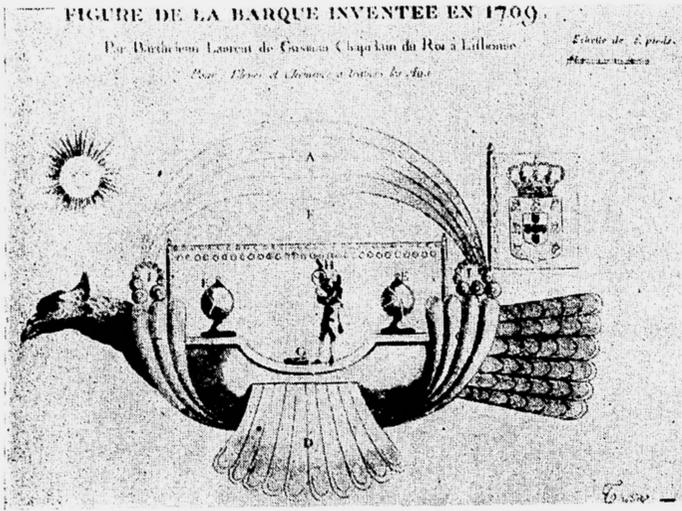
Lá arrebenha uma língua de fogo do meio do Tabernáculo para abraçar a Nadad, e Abiu filho do sumo Sacerdote Ará. Lá os deitam em cinza longe das tendas, e da vista do povo, sem luto, nem pompa alguma, e o que é mais, sem que o lastimado Arão ouse queixar-se nem dar um ai, nem se quer acompanha-lhos com os olhos, ou derramar uma lágrima pelos ter perdido; não por adorarem o bezerro, não por murmurarem de Deus, mas por errarem na maneira de o adorar, porque em lugar do fogo sagrado se serviram profano. E quanto fogo profano, e mil vezes mais profano que este, fogo sofreis hoje, Senhor, nos vossos Altares? Se então castigáveis, que faz hoje o vosso braço? Se hoje sofreis, como não sofrestes então?

Mas se estis tiveram culpa, que culpa tiveram os pobres Betsamitas, que estavam no seu campo segando o seu trigo, bem descuidados do que lhes estava para suceder, e só porque acaso levantando os olhos viram vir a Arca da terra dos Filisteus, caiu sobre eles a indignação de Deus, e morreram ali mais de cinquenta mil: *“Percussit de viris Bethsamitibus, eo quod vidissent Arcam Domini, et percussit de populo*



Primeira experiência de Bartolomeu de Gusmão (8 de agosto de 1709). Estudo para um quadro de Bernardino de Sousa Pereira. Coleção do Museu Paulista.

# SERMÃO DO CORPO DE DEUS



Outra gravura da "Passarola"

tos vagos em que o Rei deixa de ser Rei, são os mais gostosos de todo o reinado: no mais tempo vive para todos, neste vive para si. Este era o fim, com a esposa convidava ao esposo a deixar a Corte, e ir viver ao campo, porque só ali depondo a grandesa poderia provar as verdadeiras delícias: "Veni delecte mi, egrédiamur in agrum commoremur in villis, ibi dabo tibi ubera mea," Cant. 7.12. Nos Palácios entre o aparato da purpura, e o ruído dos negócios sereis grande, sereis Rei, sereis adorado, mas não está nisso o gosto de reinar. Vivei para vos, vamos para o campo, onde vos não encontre nem o estrodo das guardas, nem o concurso dos cortesãos; lá sabereis que coisa é viver contente: "Ibi dabo tibi ubera mea".

Não se aproveitava Salomão tão pouco destes conselhos que fazendo um dia reflexão sobre si, não dissesse que tinha sido Rei: "Ego Ecclesiastes fui Rex in Israel". Eu fui Rei. Pois Salomão, quando deixastes vós de o ser? E' certo que nunca, e que Salomão foi Rei até a morte; porém, como escreve as suas sentenças nos momentos do retiro, era Rei, mas esquecido de que o era, diz Hugo Vitorino. Deste retiro, e encolhimento da Magestade, como de atalaia es.ava olhando para si mesmo, e nisto achava maiores delícias que no reinar. Salomão particular era mais venturoso, e vivia mais contente que Salomão Rei. Saia este grande Monarca de si, para entrar melhor em si, diz São Crisostomo, e depondo a purpura, e tódas as idéias de Magestade achava, que ainda havia maior fortuna que ser Rei, e era quando lhe não lembrava que o era, quando deixava os Palácios, e ia viver as cabanas, quando cançado de si, se podia dizer a si mesmo, fui Rei: "Ego Ecclesiastes fui Rex in Israel".

Eu não sou tão desatenho, que compare a Magestade Divina com a humana, o enfado do cetro com aquela deleitação suma e incompreensível, que Deus tem em si mesmo, e na perfeição, e grandesa das suas obras; mas se as Escrituras me dão exemplo para falar de Deus ao mundo dos homens este parece que foi o designio do Verbo em sacramentar-se, para poder dizer do retiro daquela Hostia; fui Deus, não que deixasse nunca de o ser, mas porque ali mais que em nenhuma outra parte o não parecia. Salomão para dar um novo sabor às delícias de que vivia acerdado considerava-se Rei sem a Magestade de Rei; Deus para acrescentar da maneira possível aquela complacência imensa, que recebe de ser Deus, achou a traça de sacramentar-se, para ficar Deus sem as aparências de Deus, para poder dentro dos homens deleitar-se mais em si mesmo. Eu me não a.veveria a dizê-lo, se a mesma Sabedoria eterna nos não tivera ensinado esta altíssima Teologia.

Ainda Deus se não tinha feito homem, e já não havia para ele maiores delícias, que o considerar que havia de estar com os homens: "Deliciae meae esse cum filiis hominum". Proverb. 8. 31. O gosto de conhecer-se a si, de contemplar esta imitável arquitetura do Universo, de ver como tudo correspondia à risca àquela idéia, que ab aeterno tinha formado, todos esses gostos comparados com este só não pesavam tanto. Estas são as mi-

nas delícias dizia, como senão tivera outras, este é o meu prazer, e o meu júbilo. Quando estou com os homens então é que estou mais bem achado comigo: "Deliciae meae esse cum filiis hominum". E se tanta deleitação recebia Deus de estar com os homens, quanto maior lhe causaria o estar dentro deles: "Et ego in illo?" Não o disse então a Sabedoria Divina, porque ainda não estavam os homens capazes de tão alto segredo mas depois que Deus compriu aquele primeiro desejo, morando com os homens não quiz também deixar de lhes dar a conhecer quanto maior, e mais poderoso era este segundo: "Desiderio desideravi hoc Pascha manducare vobiscum". Luc. 22. 15. Não posso encarecer-vos o gosto, que tenho de ficar dentro de vos sacramentando-me. Dizer que o desejo, é pouco, dizer que estou com ância o executar, não basta: que isto em mim é mais que desejo, é mais que ância, E' um desejo sobre desejo, uma ância sobre outra. E' um composto de muitos desejos, e de muitas âncias, que nada basta para explicar como é: "Desiderio desideravi". Que gosto, que delícias não serão estas, se ainda parecem tão grandes depois das primeiras, a que o mesmo Deus chama únicas? Quam alto não subirá um desejo que tem as raízes no coração do mesmo Deus? Quem duvida, que se o estar com os homens era o gosto, e as delícias de Deus, o estar dentro deles há de ser para Deus o gosto dos gostos e as delícias das delícias: "Deliciae meae esse cum filiis hominum, desiderio desideravi?".

Eu não pudera deixar de confessar sem a maior de tódas as ingratições que esta inexplicável complacência de Deus em estar dentro em nós a devemos muito à sua suma bondade; mas como Deus tudo fez por amor de si: "Universa propter semetipsam operatus est Dominus", Prov. 16. 4. também creio que não foi menos interessada nisto a sua grandesa. De maneira que tudo bem considerado, se Deus fez um incomparável benefício ao homem em estar dentro dele: o benefício, digamo-lo assim, o benefício, que o mesmo Deus se fez a si em estar dentro do homem, não foi menor. Bem sei que o homem quasi passou a ser Deus, mas também Deus passou a ser mais, da maneira que o podia ser.

Uma verdade certa, ainda que nos pareça estranha, é que Deus, que para todos é o que é: "Ego sum qui sum", Exod. 3. 14, s— para si não é o que é. Deus só para si não é imenso, porque ele se mede a si; só para si não é incompreensível, porque ele se compreende a si; só para si não é grande porque se mede consigo. Em uma terra tódá de gigantes nenhum é gigante, o primeiro pigmeu, que ali aparece, é que os faz gigantes. Assim sucedeu aos agigantados filhos de Enac com os exploradores da terra da Promissão; "Ibi vidimus monstra quedam filiorum Enac de genere gigante, quibus comparati quasi locustae videbatur". (Num. 13-14). Ninguém é grande senão comparado com quem é menos; até em Deus é isto assim. De que modo era Deus grande antes de criar o Mundo? Comparando-se com as criaturas, a quem havia de dar o ser. Se se comparara consigo só,

como em Deus não há mais nem menos também em Deus para consigo não tivera lugar a grandesa. Para isso criou o Mundo, para medir a grandesa própria com tudo o que tinha criado. Para isso de estrela a estrela, de planta a planta, de animal a animal, não quiz que houvesse espécie que fosse em tudo igual a outra, para que na reflexão de quanto umas eram maiores que as outras, visse Deus e vissemos nós quam grande era necessário que fosse quem era infinitamente maior que tódas. Por aqui caminharam os Patriarcas, e os Profetas.

Mas esta comparação com as criaturas só fazia a Deus grande visto de fora de si. Faltava que Deus de si para si mesmo pudesse chamar-se grande, e isto foi o que Deus conseguiu sacramentando-se; ter dentro em si mais, e menos. Digamo-lo melhor; ter dentro em si o mais, e o menos ter dentro em si a respeito de quem ser grande, e imenso. Ponde a Deus grande, e imenso junto com Deus sacramentado, e quanto vai de Deus ao homem, e do homem a um ponto tanto ficou Deus para consigo maior dentro do homem, que em si mesmo.

Bem sei que me direis que isto não foi ser mais, senão ser menos, e que Deus desta sorte não veio a crescer, senão a descer; mas é que não tendes ainda reparado qual é o modo de crescer de Deus. Tudo quanto há de Deus a baixo cresce crescendo; Deus como acima de si não tem para onde subir, só pode crescer decendo diz São Bernardo: (D. Bernard.) "Christus cum per naturam Divinitatis non haberet quo cresceret qui ultra Deum nihil est, per descensum quomodo cresceret invenit". Esta propriedade do Deus do Céu quiz acomodar com impia adulação Plínio a um Imperador da terra; "Cui nihil ad augendum fastigium superest, hic uno modo crescere postest, si se ipse submittat". Pensamento verdadeiro, mas falsamente aplicado, que esta imaginária divindade de Plínio em tudo podia crescer; podia crescer na vida, podia crescer nas riquezas, podia crescer no império, porque ainda faltava muito Mundo que conquistar aos Romanos. Só Deus nada há em que possa crescer senão for descendo; Per descensum quomodo cresceret invenit.

Que muito pois que das duas naturezas racionais escolhesse antes ser homem que Anjo, se era menos o homem? Que muito que não se contentando com encarnar, quizesse sacramentar-se? Que muito que não reparasse em se comunicar a todos bons, e máus, querendo grandesa do profundo de seu encolhimento e ver quanto tinha crescido descendo; Per descensum quomodo cresceret invenit.

E com quanta razão quando S. Pedro no Tabor queria fazer uma morada para sempre, diz o Evangelista que não sabia o que dizia; (Luc. 9.33.) "Nesciens quid diceret". Que maior ignorância, que entender que Cristo se rezolveria a ficar no monte entre às glórias, como se para viver entre glórias, não tivera lá o seio do Padre, a quem era igual por natureza; ou como se a grandesa de Deus não consistiria em sair da sua grandesa?

Se São Pedro consultara primeiro este pensamento com Helias, que ali tinha à vista, que facilmente o desenganaria o Profeta com aquela grande lição, que Deus lhe dera em outro tempo na lapa do monte Horeb. Que vés, Helias? Um pé de vento, que vem arrancando as arvores, subvertendo os montes, e quebrando as pedras umas com as outras; mas não está Deus neste vento impetuoso; Non in Spiritu Dominus; (3. Reg. 19. 11.) Começa a tremer a terra, a abrir-se em bocas o monte; estará Deus no terremoto? Não Non in commotione Dominus. (Ibid.) Ora já que nem está no vento, nem no terremoto, sem dúvida estará naquela labareda de fogo, que vem consumindo tudo; e não será a primeira vez, que Deus no deserto apareceu nesta figura. Pois não, Helias não está Deus no fogo; Non in igne Dominus. (Ibid. 19. 12) Sentes tu uma viração suave, que se levanta, um ar tão sutil, que apenas se deixa perceber; Sibilus aurae tenuis? (Ibid.) Pois é tempo, Helias cobre o rosto com a capa, e sai à boca da lapa, que é Deus chegado; (Ibid. 19. 13.) "Quod cum audisset Helias, operuit vultum suum pallo. Pois, Senhor, agora que eu venho queixarme do pouco respeito, que se vos guarda, agora que mais que

nunca necessários de fazer alarde de quem sois, nisto cifrais a vossa grandesa? Não era mais digno de vós o fogo, que abrangesse os ímpios, e o terremoto, que os enchesse de horror, e espanto? E já que escolhestes o vento, porque não foi aquele primeiro vento impetuoso, e forte, Spiritus grandis, et fortis, (Ibid. V. II) senão não este pequeno, sutil, e quasi imperceptível: Sibilus aurae tenuis? Porque isto é ser grande ao modo de Deus, Deus nunca é maior que quando nos parece mais pequeno. Naquele ar delgado, e imperceptível; ali está Deus como no seu centro. Ali onde não parece grande, onde não parece que está nada, ali gosta mais de estar o Senhor de tudo.

Eu não me atreverei a afirmar que Deus naquele ar sutil quiz figurar o Sacramento; mas todos os Santos, e a mesma Igreja me dizem que o pão, que Helias tinha pouco dantes comido, quando partiu para o monte Horeb, era figura daquele Pão do Céu; e eu acho que se Deus queria dar a Helias uma idéia de Sacramento, não lhe podia dar mais parecida, que a daquele ar sutil. Um corpo com propriedades de espírito, uns accidentes sem substância, umas espécies onde Deus está real, e verdadeiramente, mas de uma maneira tão imperceptível aos nossos sentidos, que não saberíamos que está ali se não dissersa o mesmo Deus. Esta é a grandesa que Deus só preza. Não está Deus onde nos parece que está, no fogo, na tormenta, no terremoto; naquele ar sutil sim; só ali naquele Sacramento lhe parece que é grande, só ali lhe parece que pode dignamente estar um Deus; Non in spiritu Dominus, non in commotione Dominus, non in igne Dominus; sibilus aurae tenuis.

E que diremos nós, ou que juízo faremos de Deus à vista deste juízo que o mesmo Deus faz de si? Apesar deste barro que nos oprime, e que nos faz medir a grandesa pelas aparências, não podemos deixar de reconhecer que nunca Deus foi maior, que naquele Sacramento. Ponham-me a Deus na maior ostentação da sua grandesa, criando o Mundo, formando a luz, estendendo os Céus, separando

## AÇÚCAR DIAMANTE

O MAIS PURO  
O MAIS ALVO  
O MAIS SECO

DISTRIBUIDORES EM TODO O BRASIL :

Companhia Geral de  
Melhoramentos  
em Pernambuco

ESCRITORIO : RUA DO BRUM, 85 — CAIXA POSTAL 257

RECIFE

INSCRIÇÃO N.º 64 — RIO FORMOSO

PERNAMBUCO

# SERMÃO DO CORPO DE DEUS

as águas; ponham-me a Deus criando o homem, à sua imagem, e semelhança, e infundindo a alma de um sopro naquele barro frio, e imóvel; mas me admira, e maior me parece, quando depois de tomar corpo à imagem, e semelhança do homem o vejo estreitar o mesmo corpo, que tomou para caber dentro dele. *Et ego in illo.*

Que importa que do seio de uma nuvem dispare Deus raios, segue de luzes, faça tremer a terra, rompa as penhas, e reduza a cinzas os montes? Que importa que no deserto me mostrem os filhos de Arão consumidos das chamas, nos campos de Cannan a Oza e aos Betsamitas prostrados de um golpe invisível de Deus? Que importa que as águas do Nilo se convertam em sangue, que um dia amanheçam degolados por mão invisível todos os primogênitos do Egito; que passe um milhão de almas a pé enxuto o mar Roxo? Aquela Hostia sem nenhuma destas aparências de Magestade, me dá uma idéia de Deus muito mais heróica, que todos quantos nos oferecem as Escrituras. Aquele Deus, que senão percebe naquele ar sutil, ali me parece mais Deus, que quando o via armado de terremotos, e de raios. Quando Deus me mostra a sua grandesa, animo-me a investiga-la alguma luz acho, que me guie; quando o vejo reduzido a um ponto naquela Hostia, deixa-me às escuras, foje-me o lume dos olhos, e então é que me parece maior, então é que conheço bem que o não conhecia.

Agora venho eu a entender que cordel era aquele, de que David, se servia para chegar a penetrar da maneira possível a grandesa de Deus. Vós sabeis, Senhor, qual foi o meu caminho, e o meu cordel, dizia ele a Deus (Psalm. 138, n.º 3) *Semitam meam, et juniculum meum investigasti.* Como o caminho era tão escuro, e embaraçado, valia-se do cordel. Assim o fazia David, e assim o faziam os mais ilustres entendimentos do seu tempo. (Lerin, bic.) Entrava o homem no labirinto da imensidade de Deus guiado como por um fio; entendia que pela grandesa das coisas que via, podia vir em conhecimento do Deus, que não via. O conceito, que fazia da Divindade, parava na criação do Universo, e na admirável Sabedoria, com

que tudo estava disposto; (Psalm. 138, 6) *Mirabilis facta est scientia tua,* nesta bela organização do homem; (Ibid.) *Tu formasti me,* e naquelas obras extraordinárias, que de quando em quando o davam a conhecer por Senhor de tudo; *Mirabilia opera tua et anima mea cognoscit nimis,* (Ibid. 14.) Sacramentou-se Deus, e desappareceu esta cena, quebrou-se o fio, apagou-se essa pequena sombra de luz, que de longe nos guiava, ficámos mais atados, e mais atados, e mais pasmados, que nunca. Sem dúvida que erravamos e que ser Deus é muito mais, do que nós até aqui cuidávamos. Antigamente se nos perguntavam quem era Deus, mostravamos os Céus, e a terra, e dizíamos que eram obras de suas mãos; hoje mostraremos aquela Hostia, mas mudos, e pasmados; (Ibid. 4.) *Quia non est sermo in lingua mea.*

Muito menos é em comparação de Deus, o ser Criador dos Céus, e da terra o ser Autor de obras tão maravilhosas. Essas admiráveis produções da Onipotência mostram-me a Deus, como eu o posso ver; o Sacramento mostra-me a Deus como não pode ser visto; mas nesta mesma cegueira dos sentidos achó eu a minha maior luz; *Nox illuminatio mea in deliciis meis.* (Ibid. 11)

Esta noite tenebrosa, esta escuridade medonha foi a que me abriu os olhos, e a que me ilustrou o entendimento para ver quem pouco via de Deus. Nestas trevas, nesta ignorância me vi banhado de um intimo gosto de saber que Deus quando mais desconhecido, então é que melhor se conhece *Nox illuminatio mea in deliciis meis.*

Todo o outro conceito que fazia de Deus me confundia; o conceito que fiz no mais cerrado desta noite, esse foi o que me tirou deste labirinto; *Deum exquisivi manibus meis nocte... et non sum deceptus.* Psalm. 26. Sucedeu-lhe a David o que nos sucede a nós. Este mesmo Templo, que à luz do dia me parece grande no escuro da noite ainda me parecerá maior.

Agora meço-lhe facilmente a distância; no escuro da noite parece-me a infinita. Tanto vai no meu conceito, que do Deus cuja grandesa vejo, ao Deus escondido, ao Deus que não posso ver. O Deus, que vejo cabe-me



Face principal do monumento existente em Santos, erigido a Bartolomeu de Gusmão, e que foi inaugurado a 7 de setembro de 1922

nos olhos; *Invisibilia ipsius per ea, quae facta sunt, intellecta conspiciuntur; sempiterna quoque ejus virtus, et Divinitas;* (Ad. Rom. I, n.º 20) o Deus que não posso ver, não me cabe no entendimento. Que muito pois que não

venha a ser tão grande para mim Deus grande, onipotente, e imenso, como Deus pequeno, encolhido, e reduzido a um ponto para morar dentro no homem, *Et ego in illo?* Temos visto a grandesa de Deus

no Sacramento; os argumentos que dela podiam tirar contra este Mistério os inimigos da nossa Fé, desfeitos, e a incredulidade convencida, e confundida; e eu cuidava que com isto tinha satisfeito a tudo. Mas quem dissera que até nós havíamos de ter entranhadas em nós mesmos a mesma incredulidade, que acusamos. Deixai-me que vos diga com bem confusão minha, e vossa, que as nossas obras são tão incredulas como as suas palavras. Crer que Deus está ali, e viver como vivemos e chegar a recebê-lo com tão pouca disposição, como chegamos!

Então mui presados da nossa Fé. Não cremos que Deus está naquele Sacramento, cremos que o cremos; e esta é de todas as incredulidades a mais cega, e a mais incurável.

Cristãos, este Deus, que adoramos naquela Hostia, é o mesmo Deus, que foi sempre. Ali, ali dentro daqueles acidentes se oculta ainda a antiga grandesa, Surdos sois, se vos não soam aos ouvidos os trovões, e trombetas do Sinai; cegos sois, se vos não assombra os raios, se à luz da Fé não descobris, ainda ali a mesma Magestade, e a natureza toda, a terra e os Céus a tremer ao menor aceno da sua voz. Se vos deixam chegar a comer, e ter dentro em vós ao mesmo Deus, ó, não vos enganais, que é mais terrível do que cuidais aquele lugar. Aquela escada, que juntava o Céu, e a terra, a Deus, e a Jacob, não, era tão terrível como a Mesa, a que vos chegais. Lá subiam e desciam Anjos; cá os que vão a receber aquele Senhor, quando vão, não de ser Anjos, quando voltam não de voltar Deuses. O que terrível, e espantoso lugar; *Quam-terribilis est locus iste!* (Gen. 28, 17).

Triste de ti, Jacob, se quando Deus te vem buscar, te vem falar, e estar contigo te descuidas, e te deitas a dormir! Triste de ti, se em vez de cuidar em um Deus, que tanto cuida em ti, não cuidas mais que na benção de Isaac, e no morgado de Esaú! Cristãos, Jacob tinha a desculpa de não sabia que Deus estava naquele lugar; (Ibid.) *Veré Dominus est in loco isto et ego nesciebam.* Mas nós, que sabemos, e confessamos que Deus está ali, que desculpa podemos ter para a nossa insensibilidade? Que fazeis pecador? (Continua na pág. 39)

# A MORTE DE BARTOLOMEU DE GUSMÃO

AFONSO DE TAUNAY

A 22 de junho de 1723 estava Bartolomeu de Gusmão emprasadado a tomar a palavra a fim de expor aos colegas académicos o pe em que se achavam as suas pesquisas sobre a história da diocese do Pôrto.

Não o fez porém e por mais de dois meses adiou este cumprimento de obrigação.

Convidado a falar na sessão solene de 7 de setembro, dedicada aos festejos do dia natalício da Rainha, também não se manifestou. E nem de seu silêncio dão as atas da Academia a menor explicação.

Noze dias mais tarde relatava, porém aos confrades o que até então apurara de suas indagações arquivais. Agora longamente.

Conta-nos a ata desta conferência: "Distribuídos os papéis impressos referiu o Diretor que os Padres António Simões, e Fr. Bernardo de Caselo Branco, a quem tocava dar conta dos seus estudos nesta Conferência, se escusaram o fazer por causa das queixas enfermidades com que se achavam e nomeou ao Doutor Bartolomeu Lourenço de Gusmão, que se lhes seguia na ordem".

Começou o Voador por declarar que examinando o Censual da diocese do Pôrto verificara, com surpresa, quanto elle lhe dera muito mais do que nunca poderia esperar, depois do seu transunto, metucioso na aparência, realzado por D. Rodrigo da Cunha.

Parecia-lhe, ao encantar o trabalho, que o sábio bispo esgotara aquele manancial precioso.

Assim, se solicitara a cópia do documento apenas fóra por mero desencargo de consciência, a fim de fazer a confrontação entre a memória do douto prelado e o papel de que ella se originara, pois de modo algum duvidava da probidade do acatado auctor, nem lhe parecia possível descobrir-lhe enganos em matéria essencial.

Percebera porém quanto D. Rodrigo deixara de aproveitar muito do que ainda lhe poderia ter dado o Censual.

Assim deixara de lado grande número de fatos notáveis dos annos portugueses ecclesiasticos como por exemplo o sinodo diocesano realzado pelo Bispo D. Vicente. Seria, porém, enfadonho relatar aos académicos o que consegui-

ra, ainda, aproveitar do Censual e por isto não entraria, a tal respeito, em maiores minucias.

Um ponto porém havia, a propósito do qual precisava recorrer ás luzes da Academia.

Ao encetar o seu esudo imaginara ter o ensejo de poder aumentar a lista dos antistites portugueses com alguns nomes acaso olvidados por D. Rodrigo. Pois bem! Via-se agora, pelo contrário, na contingência de propor a eradição de diversos titulares constantes de tal catálogo.

Já aos bispos Basílio e Arisberto reputa inexistentes. Agora era D. Julião I que precisava suprimir apesar de que D. Rodrigo da Cunha lhe houvesse atribuído a occupação da cátedra episcopal de 1265 a 1268, a tanto levado, dizia, pelo exame de quarenta escrituras contemporâneas.

É interessante porém conhecermos as próprias palavras do rebuscador. Demonstram o afincio, a consciência com que realisava o seu trabalho.

Incontestável se apresentava a presença do bispo D. Martinho no solo português, em 1265. Querida D. Rodrigo que este D. Julião fosse o successor de Martinho e o antecessor de Pedro Salvador.

Era o que com a argumentação decorrente das provas documentais pretendia rebater.

"A primeira coisa, que lhe provocara a dúvida, alegava, fora certa escritura omitida por D. Rodrigo, em que o Bispo Vicente, na era de 1315, ao prover um seu parente na Tesouraria da Sé do Pôrto (à qual tinha o Bispo D. Julião reunido uma Capelania Curada, de cuja anexação existia o Instrumento datado de 1268), dizia que elle próprio redigira tal instrumento, ainda que não por sua vontade".

"E que representara ao Bispo Julião que era indecente que uma Capelania Curada se assignasse a um Conego não Sacerdote".

"Para o Bispo Vicente fazer di. as letras, e ter autoridade para semelhantes representações ao Bispo, era necessário que tivesse trinta annos na era de 1268, e morrendo elle na de 1334 ou 35, era necessário que morresse de (90) annos de idade; o que junto a possuir o Tesoureiro provido pelo Bispo Julião a dita Cape-

lania quarenta e sete annos fazia duvidar se haveria equivocação na data".

"Como naqueles tempos o X, com ponto em cima, valia quarenta, podia bem ser não fosse talvez os sessenta daquele instrumento um L, e um X, e na dita forma vallessem noventa, em lugar dos quais se copiasse no Censual sessenta, o que já nele se não podia averiguar, por estarem as contas todas *ad extensum*, e não por por letras numerals, como costumava escrever-se nos originaes, e que assim os sessenta e oito fossem noventa e oito".

Como entendera que esta primeira dúvida ainda não tinha fundamento sólido, começara a examinar mais este ponto. "E principiando a examinar mais este ponto, por ver que ambos os ditos Bispos se chamavam Julião Fernandes em memórias, que estão no di. Censual, viera a descobrir que certamente havia este erro em muitas escrituras dele, em que primeiramente estava uma doação do Bispo Pedro Senior, na Era de 1166, em que era certamente Bispo "Hugo".

Atribuindo-se porém, ao X o valor de quarenta "tudo se ajustava com a História" pois poderia D. Pedro Senior, ser provavelmente bispo em 1196.

Extranho critério adotara Dom Rodrigo a propósito de tal caso. Não se compreendia como "transladado a dita doação toda *ad extensum*, passasse em claro a Era, em que fóra feita, pois ainda que elle não concordasse com a Cronologia dos mais Bispos, por isto mesmo com mais razão devia ou desfazer a dúvida, ou dor por suspeita a data, para que os que viessem para o futuro esse instrumento, não duvidassem da verdade dele, ou da sinceridade do autor do Catálogo".

A seu ver, hesitara D. Rodrigo em crer que realmente fosse Pedro Senior em 1196 o antistite português.

Pois não fóra levado a confessar "que no dito Censual havia algumas doações, feitas ao Bispo Pedro nas Eras de 1160, 1163, 1168, em que reconheceria haver certamente erro, por ser então Bispo Hugo?"

Isto lhe dera até notável moléstia, por ser o Censual "a melhor, e mais certa via, que havia daqueles tempos".

Ao ver do analista, proclamava Gusmão, descoberta a origem do engano reforçava-se a autoridade daquela veneranda fonte" pois a mesma causa do erro, que bem se via quanto naturalmente succedera, fazia maior argumento para a verdade, e antiguidade dos originaes, e sinceridade de quem os copiou".

Daquelas doações se colhia a convicção de terem sido feitas não ao Bispo Pedro Primeiro, como Dom Rodrigo supunha, mas, como no caso da última, ao terceiro Pedro. E as demais ou a este, ou ao segundo bispo do mesmo nome.

Prosseguindo na cerrada critica aduzia o Padre Voador: "Finalmente, dentro desta mesma questão se conhecia evidentemente este erro pelo traslado do testamento do Bispo Julião, porque o título diz: *Testamentum domini Juliani Fernandi Episcopi Portugalsensis, qui obiit era 1298*, e o mesmo testamento, que logo abaixo se segue, é da Era 1268".

"Ainda que tal documento não pudesse ser o testamento da mesma pessoa, não o podia ser do mesmo Bispo visto estar então em meio o tempo de episcopado do Bispo Pedro Salvador".

Nem comprehendia elle, Gusmão que Dom Rodrigo da Cunha, depois de conhecer o erro da data inicial — e ainda os de diversos documentos comprobatórios uns dos outros, não inquietasse de duvidosa a autenticidade da milésimação que o levava a inscrever o Bispo D. Julião na lista dos prelados portugueses.

Convinha porém recordar quanto decorria tal erro de uma concordância fallosa de quarenta escrituras viciosamente copiadas.

A este propósito comentava o nosso santista: "tanto é certo que não há que fiar em cópias por mais verdade e cuidado com que sejam feitas".

Novo argumento desta verdade lhe ministrava o próprio D. Rodrigo ao declarar que nos catálogos antigos não achara memória alguma do tal Bispo D. Julião, nem de nenhum outro entre Martinho, e Pedro Salvador".

Outro, também fortissimo, argumento lhe occorria. Não reparara o dito prelado que "no ano de Cristo 1231, e Era de César 1269, era Bispo do Pôrto um M. como se lia numa doação dos Monges de Alcobaca da dita Era. Ora, este M. não temos fundamento para crer que pu-

# Manifesto sumário para os que ignoram poder-se navegar pelo elemento do ar

requisitos, ficam inúteis os dois; porque azas sem vida não podem ter movimento; vida sem azas não pode ter elevação; ar sem estes indivíduos não pode ser sulcado; porém dando-se estas três circunstâncias de azas, vida e ar, conforme a necessária proporção, é infalível o voo em qualquer artifício, como o estamos vendo na ave.

Entra agora o nosso invento com as mesmas três circunstâncias, em que infalivelmente deve dar-lhe o voo por certo. O nosso invento tem azas, tem ar e tem vida. Tem azas porque lhas formamos à mesma imitação e proporção das da ave; tem ar porque este se acha em toda a parte e tem vida nas pessoas, que o hão de animar para o movimento.

E logo infalível que não pode ser frustrado este artifício, supostos nele os três requisitos necessários para o voo: que se a esta fábrica se podem dar estas três circunstâncias por factíveis, de que não há dúvida, infalivelmente delas se lhe hão de produzir as mesmas operações, que vemos na ave, como efeito produzido da causa; e não fazemos menção das aves, que costumam andar na terra, porque suposto tenham estas três circunstâncias, ou não voam, ou têm o voo violento, como a galinha, o peru, o pato, a perdiz etc., o que lhes procede de terem as azas defeituosas, em quanto à proporção necessária ao peso do corpo.

Argumentar-me-ão agora os especulativos, que estas duas paridades da nau e da ave são falsas em quanto ao nosso invento: que a nau sustenta-se nas águas, porque estas são mais corporais e crassas, e que a ave se libra ou voo nos ares, porque esta é de corpo acomodado à raridade deste elemento, que por leve não pode sustentar o grave: ao que se responde:

Têm as águas os mesmos acidentes, que têm os ares: porque, assim como as águas são mais grossas quanto mais distam da terra, assim os ares têm mais corpo quanto mais estão distante do chão.

Exemplo: o mar ou o rio sempre corre mais brando pelas extremidades das praias do que pelo profundo do vau; assim também o ar sempre sustenta mais as coisas na altura do que junto à terra, v. g. deitamos de qualquer parte eminente uma prancha pelo ar, e vemos que esta junto do chão é que arrebatada mais o precipício: a razão disto é pela maior ou menor distância, que acha no curso por lhe faltar o vento que costuma tomar em maior altura.

Têm mais outra propriedade, e é que, assim como as águas mortas, agitadas de qualquer movimento se fazem mais vivas e vigorosas, assim também os ares, estando serenos, impellidos de qualquer instrumento se fazem mais tangíveis, que o vento não é outra coisa mais que um ar inquieto, agitado e impedido, que de brando passa por seu próprio movimento a ser furioso. Enfim, assim como as águas nas inundações têm violência para levarem pontes, e arrasarem valas, estragarem povoações, assim também têm impulso os mesmos ares nos terremotos para arruinares cidades, e subverterem impérios.

Finalmente tem a água com o ar tão conforme a qualidade, que ambos podem ter união mixta sem repugnância violenta, como também a água a tem com a terra; que se assim não fora não consentiriam os ares em si os vapores da água, nem as humidades da terra, como qualidade repugnantes; que estas como contrarias se não podem unir conformes. O que se não acha no elemento do fogo, que com ele não pode substituir outro qualquer elemento sem repugnância violenta.

Mas contudo entre todas estas semelhanças têm uma diferença, porque as águas são mais sólidas e graves, e os ares são mais raros e leves: porém, não obstante esta razão, o mesmo corpo, que se acha nas águas para a sustentação das coisas no condensado, se acha também nos ares na extensão. Explico-me com este exemplo fácil: qualquer lenho, por pequeno que seja, se sustenta facilmente nas águas, e este mesmo se não pode sustentar nos ares. A razão é porque este é mais leve em quanto às águas e mais grave, em quanto os ares; porém dando-lhe a compensação necessária e proporcionada em quanto à distância, por tomar mais ar, tanto se pode sustentar nas águas o peso do dito lenho, como nos ares ainda maior peso.

Podemos por exemplo uma agulha em competência de uma folha de papel; uma agulha é muito mais leve no que peso do que uma ou duas ou três folhas de papel unidas, e estamos vendo que uma agulha nem se pode sustentar nas águas, sem logo ir ao fundo, nem menos nos ares sem logo buscar o centro: e as três folhas de papel pesando mais se sustentam nos ares com facilidade; a razão é porque a agulha, ainda que pese menos, é matéria sólida e grave, e as folhas de papel ainda que pesem mais são de matéria leve, e estão

o que faz descer mais leves é a extensão do corpo com que tomam mais ar para se sustentarem; ou, senão vejamos; Esta mesma folha de papel, que estendida é leve, dobrada é mais grave, e quanto mais se dobra, mais grave desce, porque fica com menos corpo do que lhe é necessário para se sustentar: com que é certo que a extensão de corpo das coisas as fez ser para a sustentação no ar ou mais graves ou mais leves.

E não falo em quanto a qualidade própria das coisas: porque o que é leve de sua natureza não pode ser juntamente grave; mas falo em quanto à virtude, que concorre para as fazer parecer leves, porque a mesma água, que unida e conduzida na terra, é grave, e tem corpo para sustentar as coisas, ao ar espargida parece leve e sem substância de sustentar uma palha.

Mais claro, Um chovisco, que no ar não tem corpo para resistir a um leve vento, junta toda aquela porção de água na terra, havia de ter vigor para sustentar uma pesada nau: Mas nem por isso no ar é leve, e na terra é grave, que tão grave é na terra como no ar. Mas sim é no ar rara, e na terra é crassa, que é o que a faz parecer grave ou leve. Uma porta é grave, porque por virtude dos quícios move-se com facilidade, e parece leve; e pelo contrário um globo de metal que no chão parece leve por facilmente se mover, levado ao ar se experimenta grave por se não poder levantar, e a matéria dele tanto é grave no chão como no ar.

Tão grave é por si a qualidade do aço ou do chumbo ou de outro qualquer metal no pouco como no muito, que a quantidade não lhe tira a qualidade: porém despedindo de eminente altura ao mesmo tempo uma agulha e uma barra da mesma matéria de arrobos, é assentado em filosofia, que primeiro há de chegar à terra a agulha, do que a barra; e a razão é o ar que não tomou a agulha por ter menos corpo, e o ar que tomou a barra pelo ter maior: donde se infere que o corpo das coisas é que as sustenta no ar, conforme a mensura proporcionada à substância do elemento, em que se sustentam. Enfim, ao impeto do vento abala uma parede, porém não se move uma pedra, e mais grave é uma parede, que consiste de muitas pedras do que uma pedra, que não tem o peso de uma parede; o que procede da extensão do corpo de onde o vento pôde fazer mais presa.

Temos mostrado por princípios certos e paridade infalíveis como é factível suster-se qualquer artifício no ar, como se sustenta qualquer ave, dando-lhe a proporção acomodada à substância do elemento. Agora resta mostrar como pôde fazer curso sem embargo nem desasoçoço ou confusão, a respeito de que os ares não têm constância no movimento, e que esta instabilidade há de servir de infalível precipício às nossas navetas.

Ao que respondo, que no mar sucede o mesmo, porque também não tem constância, ora se altera ora se abranda, e nem por isso deixa de se navegar, e não há maior razão porque o tempo que uma nau tem no mar, não tenha qualquer navegação no ar; a nau no mar tem o governo no leme, o tempo nas velas: uma e outra coisa temos no nosso invento. Uma nau é combatida dos ventos da mesma sorte, com que o pode ser no nosso artifício; e contudo resiste às tempestades ou tomando as velas necessárias ou deixando-se ir com os ventos. Todas estas experiências achamos na ave; A ave quando voo por vento rijo, ou lhe afrouxa as azas conforme a violência, ou se deixa ir com ele segundo-lhe o curso.

Temos outro exemplo mais palpável; quem havia de dizer (se o não vira) que um homem se sustenta quasi no ar somente com os pés em uma delgada maroma, e nela ainda corre e dança, o que costuma fazer tanto em um patêo com ar sereno, como em um campo com vento rijo, sem o vento lhe alterar a igualdade com que se move? A virtude disto está no peso da vara, que contrapõe a inclinação do corpo, onde tem o governo para a temperança do movimento.

Aqui me dirão que a nau acha corpo sólido nas águas, onde assenta o bojo; e o volatim o acha na corda, onde estriça os pés; e que as nossas navetas o não podem ter no ar, por ser (como temos dito) um elemento raro, que, suposto, que tenha corpo, é fluido e leve, que não tem substância suficiente para per si sustentar as coisas: ao que respondo que se a nau se poderá sustentar nas velas (que para tal fim lhe não foram dadas) não lhe fora necessário o descanso nas águas. Se o volatim se poderá atrair na vara, não usará do assento da corda, o que não milita no nosso caso, porque como nas azas há de fazer descanso o nosso artifício (pela razão referida) não lhe é necessário assento sólido, para encostar o corpo.

Dir-me-ão também que para tão grande peso hão de ser necessárias muito grandes azas, e que aqui está a dificuldade,

ou por se lhe não poder dar o movimento adequado ao tempo, ou se lhe não poder dar a extensão oportuna ao peso. Cuja dúvida facilmente se desfaz, respondendo que a qualidade pode igualar a quantidade. Explico-me, tanto pesa um arretel de chumbo, como um arretel de lá, que suposto que a lá do chumbo seja diversa na quantidade, lhe vem a igualar o peso na quantidade, tanto vento toma em qualquer embarcação uma vela grande como muitas pequenas, cujos exemplos bastam para a solução da dúvida.

Temos apontado as razões e os exemplos, que bastam para a nossa fábrica eterea se poder sustentar no ar, e o possa navegar com socego semelhante ao de qualquer navegação no mar. Falta-nos agora resolver a terceira dúvida; como podera fazer o giro certo, o que é fácil de decidir, e respondo que da mesma sorte que o faz o artifício marítimo com a agulha de marear, porque a mesma virtude, que a pedra de cevar sobre as águas, a tem nos ares; e assim não necessita de mais prova, porque a razão por si está patente.

E se se duvida como poderá a nossa embarcação correr direita, sem se voltar à variedade e violência dos ventos? Se responde que tanto nas águas como nos ares, o grave busca o seu centro. E assim como nas águas o bojo ou quilha da embarcação sempre pende à parte inferior, assim o peso das barquetas há de por força pender sempre à terra: o que vemos em qualquer embarcação, que quanto maior é o lastro mais endireita os bordos. Se a ave no voo lhe faltara o peso do corpo, confundiram-se-lhe as azas, voltando-se facilmente pela falta de grave que as endireita.

Contudo não seguro a total segurança das nossas barquetas, sem correrem as mesmas variedades, que têm as embarcações no mar; que assim como a nau no mar tem bonança, tempestades e naufrágios, assim elas hão de experimentar no ar os mesmos accidentes. Um soveiro, um cipreste ou outra qualquer planta, por robusta que seja, tendo as raízes entranhadas na terra, como o vento se quebra; uma torre, que tem o fundamento no centro, com o tempo se arruina.

Resta-nos agora advertir um absurdo, que entendeu o vulgo, em dizer que estas navetas haviam de cursas mais de duzentas léguas por dia, o que se não deve entender da sorte, com que materialmente se tomou, senão daquela com que formalmente se disse.

A medição léguas, que pela terra demarcamos por léguas, pelo ar têm diferente distância. Exemplo: de Lisboa a Coimbra contam trinta e quatro léguas pelos giros e circunferência, que fazemos no curso, por respeito dos montes, que não podemos atalhar, e os caminhos asperos, que por linha paralela não podemos vencer; e pelo ar, como não há estes obstáculos, são muito menos as léguas, do que as que fazemos por terra: que aliás fora grande absurdo o entendido, porque a ave mais veloz, dando por caso que não parasse nunca, e fosse voando sempre não podia vencer por dia semelhante distância pelo ar como se mede pela terra.

E advirto mais que no que tenho dito só falo com o vulgo, que tem o entendimento nos olhos (como no princípio disse) e não com os doutos e discursivos, que têm os olhos no entendimento. O entendimento, como potencia da alma, vê o que não vêem os olhos, e a vista, como sentido corporal, vê somente os objetos materiais, que se lhe oferecem e antecipadamente costumava ver o discurso pelas espécies da idéia, de sorte, que os inventos mais subtis que até agora se têm descoberto, até àquele ponto, em que não foram vistos, foram negados pelos ignorantes da razão, porque, como nos objetos somente têm o discurso, só com a vista é que então lhes deram o crédito, sendo como espelho, que sem objetos não podem ter em si representação.

De onde finalmente acabo o meu discurso com esta comparação, que por posto que pueril, é verdadeira; são enfim os inventos tão incríveis para os indiscursivos como são as ligeirezas da mãos. Dizemos a um destes que lhe havemos de mostrar v. g. uma pelotilha, e que à sua vista desta lhe havemos fazer um pomo. O que vos responderá? Responde logo com velocidade, sem primeiro discursar se pode ser ou não ser, ou por que arte se poderá fazer a dita farça: que tal coisa se não pôde fazer. Fazeis-lhe a ligeireza, fica atônito o nosso leigo, e responde-vos que aquilo não pôde ser senão por arte diabólica. Ensina-lhe a peça, entende o segredo, e põe-se a sorrir; e vendo tão fácil o que tinha por impossível rompe do seu asombro dizendo: quem tal dissera? Assim pois esperamos que se há de dizer, vendo-se sulcar os ares o nosso invento, para confusão dos ignorantes, que o negam, e desempenho dos sábios que o afirmam.

## SERMÃO DO CORPO DE DEUS

(Continuação da pag. 37)

Onde estás? Deus a chamarte daquele Sacramento, e tu a dormir? Deus dentro em ti, e tu dentro no Mundo? Tu enroscado nos bens injustamente adquiridos? Tu sem querer quebrar esse idolo que tanto há que adoras? Tu correído à redea solta ao precipício? Tu esquecido inteiramente da Lei de Deus? E tempo, pecador, é tempo. Triste de ti, se agora não entras em ti, triste de ti, miserável de ti, se deixas passar aquele Senhor, que te vem visitar, e com ele toda a esperança da tua salvação!

Fazei Senhor, que acordemos deste letargo, em que vivemos sepultados. Três vezes despertastes os Discípulos que dormiam na noite em que instituíste este Sacramento; não canse a vossa bondade, ainda que nos vejais muitas mais vezes, e mais profundamente adormecido. Entra dentro em nós, chama-nos, batei às portas de nossos corações; há mais ingratidões mais benéficas. Metei-nos no seio da vossa imensidade dai-nos bem a conhecer a vossa grandesa; saibamos quanto vale o dignar-se um Deus de ficar dentro em nós. Ficaí, Senhor, ficaí para sempre em nós nesta vida, e na eterna; *Et ego in illo*.

## Problema filosófico: Qual é mais ilustre, se a Prudência, se a Temperança?

BARTOLOMEU DE GUSMÃO

Se houvessemos de erer a Seneca nada seria mais fácil que resolver esta questão. Diz este filósofo que não há Prudência sem Temperança. Se isto assim fosse não podíamos duvidar que era mais ilustre a Prudência pois comprehendia tudo quanto há de ilustre em ambas.

Debalde buscaríamos em que fundar a preferência da Temperança quando estivesse só ou quando estivesse sem a companhia da Prudência.

Mas cu, com licença de tão grande filósofo, não sou deste parecer. A Prudência ilustra o entendimento e a Temperança, aperfeiçoa a vontade e bem pôde ter ilustrado o entendimento quem tiver muitas imperfeições na vontade.

A Prudência ensina a conhecer as paixões alheias, a Temperança a vencer as próprias e não se segue que saiba sujeitar as paixões próprias quem sabe conhecer as alheias.

Os maiores exemplos de Prudência foram de Ulisses e Salomão, o primeiro, o mais completo, o mais prudente entre os Gregos e o segundo o mais prudente entre os homens. Ainda assim não estava Ulisses tão senhor das suas paixões que Virgílio o não ouse declarar maligno, e amigo de vingança e que o amor de Calipso não o fizesse esquecer do que devia a uma mulher que foi a maravilha da fidelidade. E assim quem tem mais prudência que Salomão ou quem tem menos temperança?

Suposto pois que podem andar desunidas estas duas virtudes, qual será a mais ilustre? Eu ainda dissera que a Prudência. A Prudência tem duas grandes vantagens sobre a Temperança; uma no nascimento outra na duração. A Prudência tem o seu nascimento e o seu exemplo em Deus, e a Temperança não.

Deus é a suma prudência e em Deus não cabe a temperança, porque em Deus não cabem paixões. Até o mesmo homem se não peccara vivera a Prudência em grau mais perfeito mas não tivera a Temperança porque não teria paixões que vencer de sorte que a virtude é uma virtude independente e a Temperança deve aos vícios o ser virtude. A Prudência faz-nos vencedor em uma guerra estrangeira onde o triunfo é completo, a Temperança em uma

guerra civil onde não fica sempre a confessar de que tivéssemos tanto de vencer em nós mesmos. A vitória da Prudência é segura e profética (?) As nossas paixões são cabeças de Hidra que por mais que se cortem sempre teimam a renascer.

Depois nasce a segunda vantagem da Prudência que é a duração.

Como as paixões não duram senão enquanto dura a vida, a Prudência não dura mais. A Prudência aperfeiçoa-se no Céu; a Temperança não pôde chegar lá. Verdade é que não podemos entrar no Céu sem temperança mas também a Temperança não pôde entrar no Céu conosco, finalmente a Temperança tanto no Nascimento como na duração depende de paixões, a Prudência é sempre independente, por isso é mais nobre no nascimento, por isso é perpetua na duração.

Sendo que estas duas virtudes são essencialmente em si, passemos ao que são em ordem a nós; quem pôde duvidar que é mais ilustre a Prudência? Vejamos em dois exemplos do mesmo tempo.

Um de temperança e outro de prudência sem temperança.

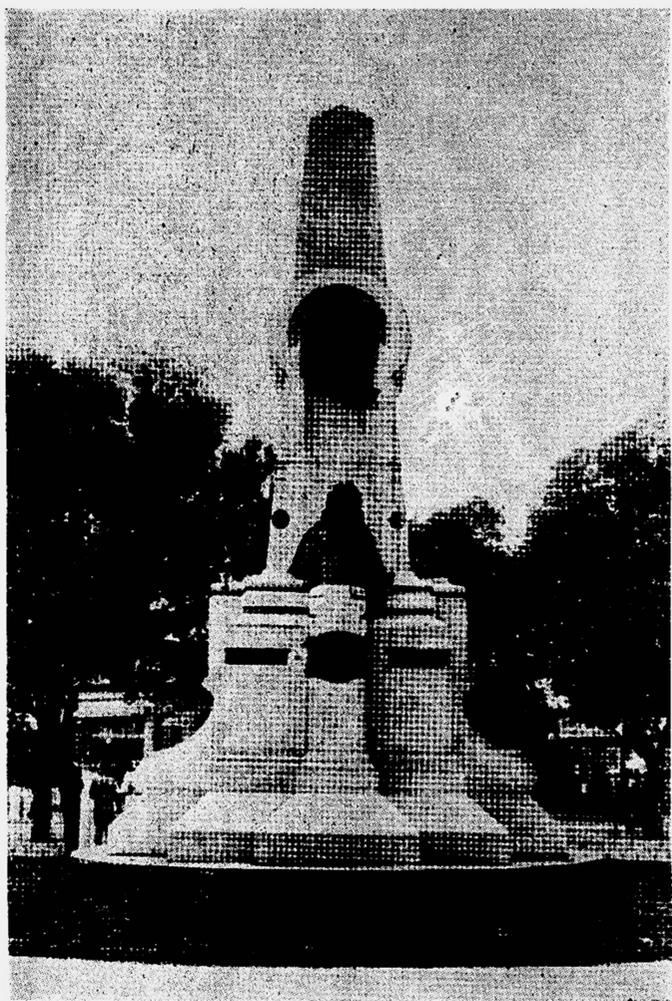
São Priamo e Ulisses. Foi Priamo um príncipe de vida inculpável, casto, manso benigno, sem ambições, sem soberbia, sem medo; um Príncipe em que a Temperança parecia ter vencido inteiramente as paixões mas no mesmo tempo tão imprudente que se empenhou em uma guerra que pudera facilmente evitar. Vê preparar-se uma numerosa armada em Aulida, sabe que se arma contra ele toda a Grecia, tão imóvel como se lhe não tocara, deixar finalmente que se tome Tróia com um engano tão visível que só o conhecimento que os Gregos tinham da sua imprudência os pudera desculpar de o haver tentado acabando ali de perder, de todo, com a vida, o reino e a reputação.

Ulisses, pelo contrário, ainda que com as paixões e vícios que dissemos foi uma admirável idéia de prudência humana. Prudência na paz, prudência na guerra, prudência na fortuna adversa e o que é mais até prudente na prospera ele descobriu a Aquiles e arrasta-o à guerra apesar da Deusa sua Mãe,

## Problema filosófico: Qual é mais ilustre, se a Prudencia, se a Temperança?

ele tira do mais forte lugar da cidade, o Palácio e com ele toda a confiança dos sitiados; e com um exemplo nunca visto, nem antes nem depois dele fez que enganados derrubem eles mesmos, com as suas próprias mãos, os seus muros e levem em triunfo os gregos, ainda não vencedores, para o coração da cidade. Enfim para dizer-lo com as palavras de Virgílio o que não pôde acabar nem a força de Diomedes, nem o valor de Aquiles, nem dez anos de sítio, nem mil naus, o acabou a prudência de Ulisses.

Concluída a guerra embarca-se para Itaca. Acha oposto Netuno, ofendido o Sol, contrários os mesmos ventos que cuida ter propícios, lá o ameaça



Face posterior do monumento a Bartolomeu de Gusmão, existente em Santos

Circe, lá o encanto das Sereias, aqui encontra os Lestrigões, ali os Ciclopes. Onde escapara o perseguido Ulisses não importa a sua prudência, se contra tudo vence os enganos, vence os homens, vence até os mesmos deuses pois quanto mais glorioso foi Ulisses que Priamo, quanto mais ilustre a Prudência que a Temperança.

De sorte que, se bem advertirmos, mais venturosos são os reinos com os vícios dos Prudentes que com as virtudes dos que o não são. Eu considero entre Priamo e Ulisses, a mesma diferença que entre Nilo e os mais rios; o Nilo, verdade é que sai de si, quanto Saturno (?) que é achatado, que tem suas desigualdades, inconstancias e vaidade.

Mas proponhamos todos estes defeitos ao Egito e aconselhemos até que troque o Nilo por outro rio mais quieto, mais limpo e menos inconstante. E que será do Epito? E quem fertilizará os seus campos, quem engrossará as suas searas? quem lhe suprirá, de uma maneira tão vantajosa, a chuva que lhe não quiz dar o Céu? Haja embora outros rios mais agradáveis. O Nilo é mais útil revolução embora outros tenham areias de ouro mais rico é o Egito formosos e socegados nem dão nome nem servem de proveito. O Nilo tareco, o Nilo inconstante, o Nilo vário, o Nilo arrebatado, o Nilo, que parece que não tem persistência em nada, é a fortuna e é crédito do seu País.

Que rigoroso, e que injustos tanta vez somos!

Perdoamos facilmente a quem é moderado que não seja prudente conquanto mais razão devíamos perdoar a quem é prudente que não fosse moderado.

Perdoamos a quem põe todo o seu cuidado em si que seja inútil para os outros. Porque não perdoaremos a quem é útil para os outros que seja descuidado de si.

Se à República se lhe não segue mal nenhum do que em minha, não digo de que em mim é mau e se lhe seguem grandes bens do que em mim é bom, que tem a República que queixar-se? Que tem os Gregos que Ulisses lhe falte a temperança se lhe vai também com a sua prudência. Desterrados acaso do Mundo o Sol ou queixamo-nos dele porque dando a vida a tudo quanto toca com os seus raios se nele nada vive nem pôde viver, por que fazendo tudo o mais habitável e frutífero ele só é infrutífero e inhabitável, há de ser bastante razão para que eu desconheça o bem que se faz a República, o mal que cada um se faz a si mesmo? Eu confesso que José, ac menos quanto parecia a seus irmãos, e ainda a seu mesmo País, não tinha Póda a temperança que fora razão porque não sabia vencer a vaidade que lhe causavam os seus sonhos e indiscretamente, ao que parece, publicava tudo o que sonhava donde vinha não lhe saberem seus irmãos outro nome que o Senhor, Por isso que mal faziam a ninguém os sonhos de José fizeram-lhe mal a ele só, pois o privaram da Prátria, de tudo que podia esperar da casa de seus Pais, e o que era mais, para sair da vista do mesmo Pai que o amava tanto:

Mas é de reparar que tendo José tantas e tão excelentes qualidades, tendo uma prudência tão grande, desde os seus tenros anos, que admiraram os príncipes e deu nome a sua Pátria, nos países estrangeiros, de tudo que é bom nele se esquecem e só dos seus sonhos se lembram. Que indigna ação de espíritos generosos! Onde há tanto que louvar andar buscando sonhos para repreender? Mas eu falo dos Irmãos de José que dos que me ouvem bem sei que nem um é capaz de pensamento tão baixo. Todos sabem dar à prudência a estimação que lhe é devida. E todos entendendo que conheçam que é mais ilustre a Prudência que a Temperança".

## Teoria dos correspondentes

A Academia Brasileira de Letras, perdeu o ano passado, dois de seus sócios correspondentes; o português João Luso e o norte-americano Samuel Putnam.

Tem assim a instituição de eleger agora dois outros escritores de nacionalidade diferente para o seu quadro.

A oportunidade é boa para se meditar acerca de um assunto: quais serão os requisitos indispensáveis a um escritor estrangeiro, para que ele deva merecer da Academia Brasileira de Letras a honra de sua escolha para esse quadro?

Dois podem ser os critérios orientadores da Casa de Machado de Assis, toda a vez que se trate de uma eleição desse gênero:

— Ou a Academia escolherá os seus correspondentes tomando como razão o gênio que eles possuam, a celebridade de que gozem, a importância que tenham conquistado no mundo contemporâneo; ou então ela os escolherá, tendo em consideração sobretudo o amor que tais escritores houverem revelado pelo Brasil.

Esse último nos parece ser o critério mais acertado e mais justo. A um escritor de fama universal, de gênio triunfante em todo o planeta — de muito pouco vale um título abstrato e vago de membro correspondente de uma Academia sul-americana. Que significação poderia ter tido esse título para um Zola, para um Anatole France, para um Maeterlinck, para um D'Annunzio, para um Gide — homens todos cobertos de glória, cansados de glória, já enfiados da glória?

Não é esse, porém, o caso de um Samuel Putnam, figura literária evidentemente não possuidora de tanta glória nem de tanto nome quanto os

## Petição sobre a Passarola

Bartolomeu de Gusmão

Senhor,

Diz o Padre Bartolomeu Lourenço, que ele tem descoberto um instrumento para se andar pelo ar, da mesma sorte do que pela terra, e pelo mar, e com muito mais brevidade, fazendo-lhe muitas vezes duzentas, e mais léguas por dia, no qual instrumento se poderão levar os avisos demais importância aos exércitos, e as terras muito remotas, quasi no mesmo tempo em que se resolverem, em que interessa Vossa Magestade, muito mais que nenhum dos outros Príncipes, pela Maior distância dos Seus domínios, evitando-se desta sorte, os desgovernos das Conquistas, que procedam em grande parte de chegar muito tarde as notícias delas a Vossa Magestade. Além do que poderá Vossa Magestade mandar vir o precioso delas, muito mais brevemente e mais seguro poderão os homens de negócios passar letra, e Cabedais Com a mesma brevidade, a todas as praças Citadas poderão ser socorridas, tanto de Gente, como de munições, e viveres a todo o tempo e retirarem-se delas, todas as pessoas que quizerem, sem que o inimigo o possa impedir; Descubrir se há as Regiões que ficam mais vizinhas aos Polos do Mundo, sendo da Nação Portuguesa a glória deste descobrimento que tantas vezes tem intentado inutilmente os estrangeiros; Saber se há as verdadeiras longitudes de todo o Mundo, que por esla'em erradas nos Mapas causam muitos Naufrágios; além de infinitas conveniências que Mostrará o tempo, e outras que por si são notórias, que todas merecem a Real atenção de Vossa Magestade, porque deste invento tão útil se pode seguir muitas discordias, e facilitando-se e muito mais na confiança de se poder passar logo a outro Reino, estando reduzido o dito uso a uma só pessoa, a quem se mandem a todo o tempo as ordens que forem convenientes, a respeito do dito transporte, e proibindo-se a todas as mais, sob graves penas e é bem se remunere ao suplicante um invento de tanta importância.

Pede a Vossa Magestade seja servido conceder ao suplicante o privilégio de que pondo por obra o dito invento nenhuma pessoa de qualquer qualidade possa usar dele em nenhum tempo neste Reino, e suas conquistas com quaisquer pretextos, sem licença do suplicante ou de seus herdeiros sob pena de perdimentos de todos os seus bens, a metade para o suplicante, e outra metade para quem o acusar, e sobre (sic) mais penas que Vossa Magestade lhe parecer que pede a importância deste negócio, as quais todas terão lugar, tanto que Constar que algum faz o dito invento ainda que não tenha usado dele, para que não fiquem frustradas as ditas penas, arbitrando o que as tiver incorrido.

autores acima mencionados — mas, em compensação, intensamente amigo do Brasil, apaixonado pelo Brasil, vivendo no encanto de ler os autores brasileiros, de traduzi-los, de difundir através do mundo os nomes deles?

E' esse, pois, a nosso ver, o critério

certo que deve ser adotado pela mais alta corporação literária brasileira, toda a vez que ela tiver ocasião de escolher um novo correspondente: o critério de ver qual é o escritor estrangeiro que mais úteis e reais serviços tenha prestado ao nosso País.

## COOPERATIVA DOS USINEIROS DE PERNAMBUCO LIMITADA

UNICA RECEBEDORA E DISTRIBUIDORA DO AÇUCAR DE PRODUÇÃO DAS USINAS DO ESTADO PELOS CENTROS DE CONSUMO DO PAÍS E DO EXTERIOR

ARMAZENS PRÓPRIOS PARA RECOLHER: AS RUAS DO BRUM N.º 248 E GUARARAPES N.º 113

Capital subscrito..... Cr\$ 4.966.100,00  
 " integralizado Cr\$ 4.877.200,00  
 Fundo de Reserva.... Cr\$ 986.466,70

RECIFE — PERNAMBUCO — BRASIL

Escritório no Rio de Janeiro: — Rua da Candelária n.º 9 — s/301

Em São Paulo: — Rua Alvares Penteado n.º 180 — s/509

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO: — José Pessoa de Queiroz, Presidente; Armando de Queiroz Monteiro, Secretário; Luis Inácio Pessoa de Melo, Tesoureiro; Manuel Caetano de Brito, Diretor; Manuel Maroja, Diretor.

CONSELHO FISCAL: — Membros efetivos: Júlio Queiroz, Leôncio Araújo e Romero Cabral da Costa; Suplentes: José Lopes de Siqueira Santos, Afonso Freire e Enock Maranhão.